

PENAFIEL

(Eja)

Eja é uma freguesia do concelho de Penafiel, distrito do Porto, e localiza-se na confluência dos rios Douro e Tâmega. A igreja de São Miguel de Eja dista cerca de 15 km da sede de concelho. Sair de Penafiel pela estrada N106 para a EM590-1 e depois seguir pela estrada CM1313 durante cerca de 13 km. A igreja encontra-se à esquerda.

A atual paróquia é fruto da fusão de duas freguesias medievais: São Miguel de Entre-os-Rios e Santa Maria de Eja, tomando a designação desta última, maior e localizada na encosta, enquanto a primeira, menor, ocupava a zona ribeirinha

A igreja de São Miguel tem uma implantação rural, isolada, na margem direita do rio Tâmega, num pequeno planalto, rodeada de campos de cultivo, de matas e arvoredos densos. A esta freguesia pertence o lugar de Entre-os-Rios que ficou mais conhecido que o nome da própria freguesia.

A via romana que de Braga ia para Mérida tinha uma variante no itinerário que de Caldas de Vizela passava por Meinedo em direção a Eja/Entre-os-Rios. Em Eja cruzavam-se vários itinerários romanos e medievais. Aqui foram identificados diversos vestígios anteriores ao período medieval, como um castro romanizado, uma necrópole junto à ponte de Hintze Ribeiro, partes de uma calçada e uma inscrição votiva dedicada aos Lares. A via medieval que ligava Penafiel a Entre-os-Rios foi muito utilizada no período da Reconquista e era já de origem romana.

O território onde está localizada a igreja de São Miguel foi alvo de uma reorganização político-militar levada a cabo por Afonso III das Astúrias, cerca de 870, com a intenção de assegurar o povoamento no vale do Douro, já então importante via fluvial. Na alta idade média, Eja foi sede do território de *Anejiae*, documentado desde o século IX, e pelo qual passavam duas importantes vias medievais que ligavam o norte ao sul.



Vista aérea. Implantação da igreja a partir de norte

Igreja de São Miguel

N O SÉCULO XI o território de *Anegiae* fragmentou-se, fazendo ascender uma das mais notáveis famílias portugalenses, os Ribadouro, que mantinham estreitas ligações ao mosteiro beneditino de Paço de Sousa, ao qual estava ligado a igreja de São Miguel. De facto, a primeira referência à igreja de São Miguel encontra-se, precisamente, no *Livro de Testamentos de Paço de Sousa* e data de 1095, tratando-se de uma doação de parte da igreja ao referido mosteiro. Em 1120, no mesmo livro, é registada uma outra doação de parte de direitos da igreja de São Miguel a Paço de Sousa. Estes documentos comprovam a existência de um templo anterior àquele que subsiste atualmente. No século XIII, a região de Entre-os-Rios desenvolveu-se devido, sobretudo, ao comércio fluvial e terrestre.

A atual igreja de São Miguel não deverá ser anterior ao século XIV, segundo Lúcia Rosas, que se fundamenta nas afirmações de Carlos Alberto Ferreira de Almeida. Por motivos administrativos, em virtude de o centro decisório do território de *Anegiae* já ter sido deslocado de Eja, a igreja de São Miguel reflete uma construção contida, como veremos. O reguengo de Entre-os-Rios era composto pelas freguesias de São Miguel e de São Salvador e fora doado

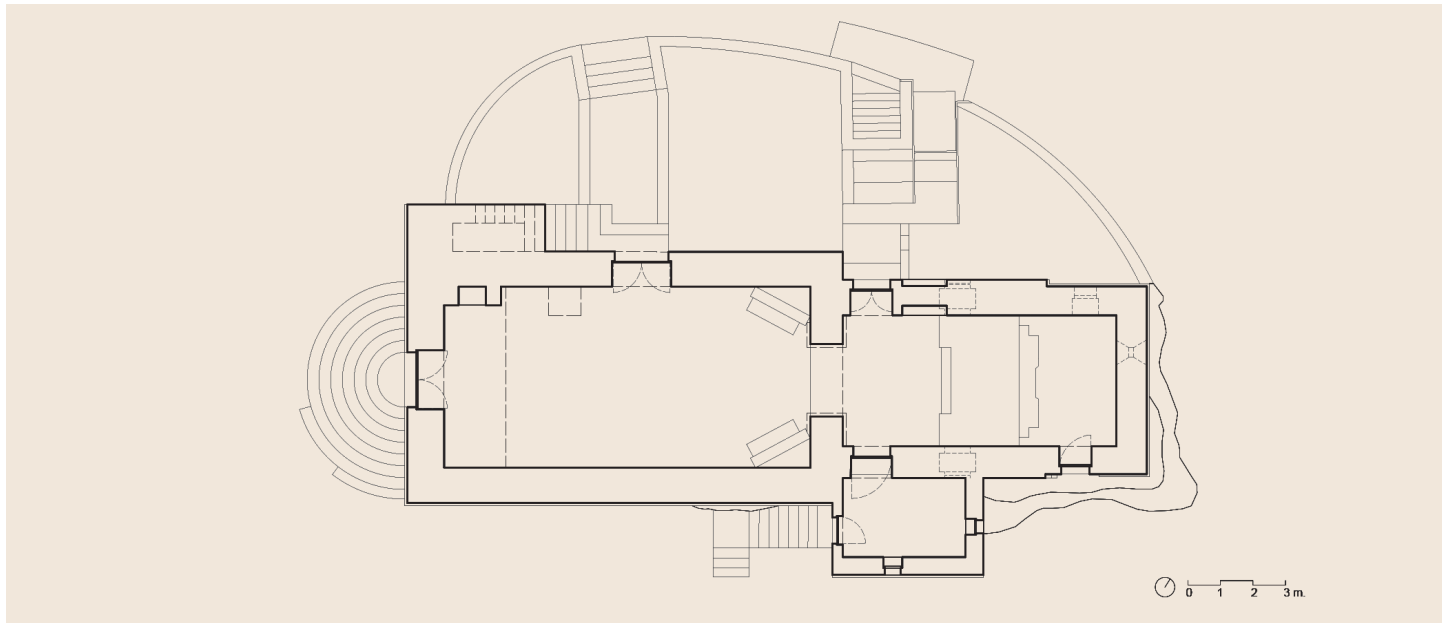
por D. Sancho I à Condessa D. Toda Palazim em 1210. A sua filha Teresa Rodrigues, outorgara foral aos cem homens que povoassem a Rua de Entre-os-Rios. Em meados do século XVI, João de Barros assinalara esta doação e transcreveu o foral de 1241, que, esclarece, encontrava-se no cartório do mosteiro de Santa Clara no Porto.

Nas Inquirições de 1220, na Terra de Nóbrega, os inquiridos declaram que o rei não detém qualquer reguengo na freguesia de São Miguel de Entre-os-Rios, nem é o patrono. É registada uma interessante declaração, que todos os outros fugiram por causa dos inimigos, *omnes alii fugierunt propter inimiciam*, nada mais acrescentando a este respeito. Afirmam que os que habitam fora do couto pagam voz e calúnia e dão ao mordomo uma galinha, entre outros tributos. Concluem afirmando que a igreja tem, na freguesia, searas e metade de um casal.

Pelas Inquirições de 1258, sabemos que na freguesia de Entre-os-Rios não entrava o mordomo do rei. Os inquiridos reiteram que o rei não é patrono, e que é couto *per padroes* e que não pagam foro ao rei. Fora do couto pagam os respetivos direitos, e a igreja tem um casal, mas não fazem foro ao rei.

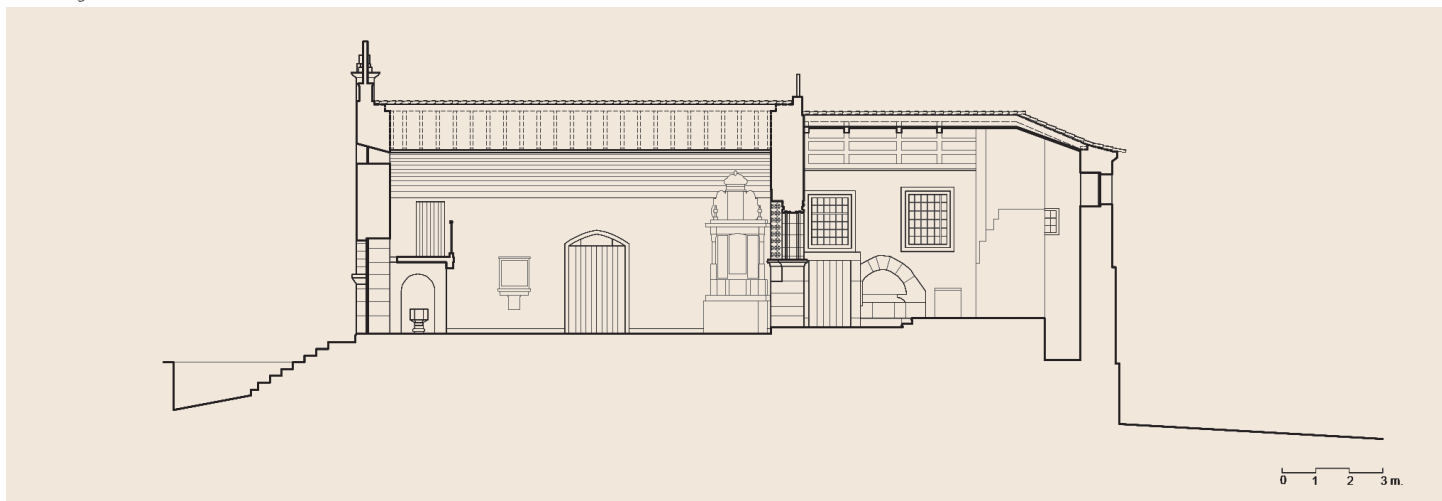
Perspetiva aérea dos alçados sul e oeste





Planta

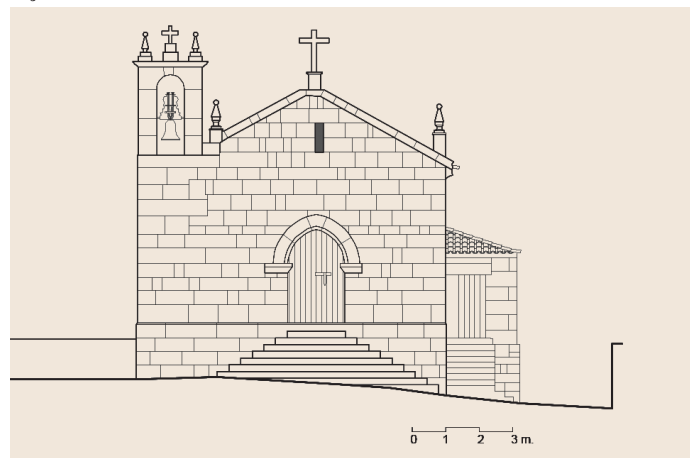
Corte longitudinal



Corte transversal



Alçado oeste



Segundo as Inquirições de 1288, o mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) tem na freguesia de São Miguel de Entre-os-Rios quatro casais e meio, honrados por Fernão de Barbosa.

Pelo Catálogo das igrejas, mosteiros e comendas do Reino, ordenado por D. Dinis em 1320 e 1321, constatamos que na Terra de Penafiel havia a igreja de Eja, *Eia*, taxada em 45 libras, e a igreja de São Miguel de Entre-os-Rios, *Sancti Michaelis d'Antre Ambos Rios*, que surge taxada em 80 libras. A igreja de Eja, a que se reporta o referido Catálogo, poderá tratar-se da igreja de Santa Maria, matriz de Eja. Sabemos, apenas, que esta igreja de Santa Maria de Eja surge num documento copiado no Censual do Cabido do Porto, datado de dezembro de 1288, segundo o qual Afonso Lopo, reitor da dita igreja, surge entre as testemunhas de uma composição feita entre D. Vicente, bispo do Porto, e Durando Pais, abade de Ferreira, acerca da doação do padroado da igreja de Válega.

Ainda quanto ao Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, acrescenta-se que o valor mais baixo das igrejas da Terra de Penafiel era pago pela igreja da Portela (15 libras) e o mais alto pelas da Gândara e Lagares (200 libras cada). Assinale-se ainda que, neste mesmo território, destacavam-se os mosteiros de Paço de Sousa e Bustelo, taxado em 4 000 e 1 000 libras, respetivamente.

A igreja de São Miguel de Entre-os-Rios surge registada na listagem dos censos do Censual do Cabido do

Porto, do século XIV. Segundo esta fonte, a referida igreja encontrava-se no arcediagado de Penafiel que pertencia ao chantre da sé. Esta fonte regista também os censos a pagar pela igreja de Santa Maria de Eja, que fazia parte do mesmo arcediagado.

Em outubro de 1519, a localidade de Entre-os-Rios recebeu foral novo outorgado por D. Manuel.

Em 1758, por ocasião dos registos das Memórias Paroquiais, é assinalado o isolamento da igreja paroquial de São Miguel de Entre-os-Rios, na qual, não obstante o referido isolamento, se celebravam todos os sábados os ofícios divinos. Aliás, era precisamente neste tipo de celebrações que se congregava a comunidade, conferindo uma noção de identidade entre os seus membros. A igreja, dedicada a São Miguel Arcanjo, tinha três altares: o altar-mor onde se venera o Santíssimo por Viático, o da Epístola, do “Menino Deus” e do Evangelho, dedicado a São Caetano. No primeiro dia de fevereiro celebrava-se um ofício geral pelas almas de todos os irmãos da confraria das Almas. No dia seguinte, a 2 de fevereiro, celebrava-se a festa da Senhora das Candeias, com grande pompa pela comunidade, e com grande afluência de gente de fora que aí vinha em romaria. O abade Bernardo António Fonseca Sequeira assinala que na freguesia havia três ermidas, entre as quais a capela de Nossa Senhora da Cividade, no Monte do Coto. Segundo Ferreira de Almeida e Francisco Almeida Lopes, a Capela de Nossa Senhora da Cividade



Alçado oeste

terá sido erguida sobre uma estrutura anterior e que terá sido aí o local da cabeça do território, a *civitas*, de Anégia. Na freguesia de Eja, localizava-se a igreja dedicada a Nossa Senhora da Assunção, templo com três altares: no altar-mor venera-se o "santíssimo por viatico, o altar colateral da parte da Epistulla do Menino Deos, e o altar colateral da parte do Evangelho de Nossa Senhora do Emparo". Trata-se da igreja de Santa Maria de Eja já referida nas fontes medievais.

Só as circunstâncias históricas e geográficas nos explicam o programa arquitetónico da igreja de São Miguel de Entre-os-Rios. Implantada na margem direita do rio Tâmega, no monte do Coto, e muito embora seguramente substituindo um templo anterior, como era comum acontecer, não pode ser ignorada a sua relação com a *civitas* de Eja, que lhe fica próxima e sobranceira. Além da longa ocupação histórica do lugar, deve ser relevada a importância militar e administrativa desta *civitas* nos primeiros tempos da reconquista e posterior reorganização do território. Talvez seja por aqui que devemos entender porque o Arcanjo São Miguel é o padroeiro desta igreja medievla e tardia. Como sublinha Lúcia Rosas, sabe-se que nesta época são muito cultuados e evocados os santos guerreiros e triunfantes, como São Miguel, o chefe do Exército Celeste. Não é por acaso que vemos o mesmo orago em outras igrejas estrategicamente edificadas, junto de estruturas militares que protegem pela sua interseção junto do divino, de que o

exemplo de São Miguel do Castelo, em Guimarães, tem vindo a ser considerado o mais carismático.

Edificada, portanto, neste contexto geográfico particular, as vicissitudes históricas vividas durante os séculos XIII e XIV permitem especulações sobre a sua fâcies. Se a importância histórica alcançada durante o século XIII conduziu à edificação de uma nova igreja, substituindo uma anterior, como já se viu, poderá a recessão económica de meados da centúria seguinte explicar, de acordo com Ferreira de Almeida, a solução adotada no portal oeste, que caracteriza de mais "pobre" comparativamente com o lateral norte. Lúcia Rosas justifica isto com base na função dos espaços e na sua relação com o lugar de implantação. O portal norte, como veremos, apresenta-se mais cuidado que o ocidental. Segundo esta autora, só as relações sociais e culturais o podem explicar, nomeadamente a sua relação com os caminhos da aldeia, com os caminhos das procissões e com os rituais funerários. Ainda hoje acede-se ao adro da igreja a partir de norte, cujo caminho e adro foram recentemente alvo de uma intervenção de requalificação. A circulação em torno da igreja pelo lado sul está confinada a um espaço estreito, que resulta do acentuado declive do monte que desce, em socos, até ao cruzamento dos rios Tâmega e Douro, o que poderá justificar um menor investimento ao nível do seu acesso a partir de sul. Devemos notar que o local de edificação desta igreja não foi escolhido ao acaso. Ainda hoje isolada, tem uma implantação privilegiada na

Alçado norte





*Alçado norte.
Portal*

sua relação com o território envolvente, que vê e permite ser vista. Além disso, fez uso das condições topográficas do local, aproveitando os afloramentos existentes ao nível das suas fundações, ainda visíveis em ambos os alçados norte e sul, não obstante os vários arranjos na sua envoltura que foram conduzindo a um rebaixamento significativo do pavimento e, portanto, a um alteamento da igreja. Vários lanços de escadas colmatam as diferenças de cotas e permitem o acesso ao interior deste espaço.

Assim, a igreja de São Miguel de Entre-os-Rios está orientada. A sua planimetria é simples, como o é a sua fábrica. À nave única retangular justapõe-se cabeceira também ela retangular que, durante o século XVIII, foi não só alongada – como bem se percebe em ambos os alçados –, como também poderá ter sido alteada para acolhimento do retábulo-mor barroco. Para Lúcia Rosas tal hipótese poderá ser fundada no facto da igreja conservar o arco triunfal de feição românica que, assim, se manteve mais reservada relativamente à abside. Contudo, o facto do acrescento que se identifica mostrar resalto no lado norte, sendo pois

ligeiramente mais estreito, e não ter cachorros a sustentar a cornija que ficou, por isso interrompida, leva-nos a ponderar outra possibilidade. Não podemos esquecer que igrejas edificadas numa cronologia tardia, semelhante à de Entre-os-Rios, e até geograficamente próximas desta, como as de Barrô (Resende) ou de Cête (Paredes), diferenciam-se pela sua rara elevação e pela pouca diferença ao nível das cêrceas entre a nave e cabeceira. Este acrescento permite que se aceda ao tardo do retábulo-mor, tendo sido nele rasgada uma pequena porta no lado sul. Perto desta e também a sul, ergue-se ainda a sacristia, de reduzidas dimensões. Com planta retangular, adossa-se à cabeceira, comunicando com esta.

A igreja de São Miguel de Entre-os-Rios foi edificada em aparelho de granito, configurando fiadas pseudo-isódomas. Ferreira de Almeida deu-nos uma leitura mais atenta dos seus silhares, cuja altura varia entre os 30 e 44 cm e comprimento entre os 51 e 120 cm. Com o granito porfiroide das mesmas contrasta o mais claro e de grão mais fino que enforma as pedras onde se identificam labores



Interior.
Arco triunfal

decorativos e que, por si só, exigem um suporte mais brando ao talhe. A cobertura da igreja é em telhado de duas águas, na nave e na abside, e de três águas na sacristia. No interior a cobertura é de madeira.

Sendo que a cabeceira foi ampliada no século XVIII para este, é portanto nos alçados laterais e no oeste que identificamos os testemunhos da fábrica românica que aqui remanescem. Apesar de não ter portal e ter sido muito transformado por esta ampliação, pela construção da sacristia e pela abertura de amplos janelões no alçado da cabeceira, o alçado sul conserva ainda ao nível da nave um sabor contido, característico de uma medievalidade tardia. Praticamente cego, é rasgado por estreitíssimas frestas que permitem a iluminação da nave a partir do sul. Conserva também a sua cachorrada, idêntica à do lado norte.

Lisos, de grande dimensão e retangulares, os cachorros de São Miguel de Entre-os-Rios comprovam a cronologia tardia da fábrica desta igreja. Dando continuidade a um elemento constante nas igrejas românicas, cujas origens formais estão presentes nas terminações das vigas de

madeira de sustentação dos telhados, os cachorros sustentam aqui um lacrimal que se aproxima mais do gótico. Este é anguloso, sem qualquer decoração e com um ligeiro chanfro na zona da cabeceira.

O arranjo do portal norte confirma o caráter tardio do estaleiro que aqui laborou. O arco quebrado que o configura, apoiado pelos pés-direitos do muro no qual se inscreve, comprovam-no. Um elaborado arco com modinatura saliente enquadra-o. É decorada com motivos em ponta de diamante e folhas de oito pétalas geometrizadas e feitas a bisel. A modelação adotada é mais um indício que o posiciona, para Lúcia Rosas, no românico tardio e no gótico regional.

O portal oeste é também quebrado. O arco apresenta um chanfro nas aduelas como elemento diferenciador. Impressiona pela sua simplicidade formal. Tardio, inscreve-se na espessura do muro e apoia-se sobre mísulas que repousam sobre os pés direitos do muro. A contenção estende-se a toda a fachada, apenas animada na parte superior por pequena e discreta fresta.

O interior da igreja foi profundamente transformado na época barroca que a adaptou à nova prática litúrgica, que se queria cenográfica. Na abside é ainda visível um arcossólio, destinado a abrigar um túmulo, o qual foi parcialmente cortado pela implantação de uma porta, na campanha de obras da época moderna.

O arco cruzeiro conserva a sua leitura e características medievais. Quebrado e assente sobre imposta, não tem colunas. As suas duas arquivoltas são ornadas com elementos vegetalistas, nomeadamente folhas de videira, esculpidas na face do lado da nave. O talhe, a bisel, é semelhante ao adotado no portal norte. Mais um arranjo característico do gótico. No intradorso do arco sucedem-se vários toros.

A igreja de São Miguel de Entre-os-Rios é, portanto, um exemplar peculiar no contexto do românico português ostentando elementos que se enquadram entre o românico tardio e o gótico rural. Trata-se, ainda, de um bom testemunho da longa perduração do modo de edificar que se caracteriza por românico. São as variações cronológicas, precocemente consideradas por Ferreira de Almeida, que mais caracterizam o românico português. A igreja de São Miguel de Entre-os-Rios é um bom exemplo desta persistência românica, já fora do quadro cronológico que lhe é comumente atribuído, podendo ser vista através da

resistência de soluções construtivas próprias da época românica que surgem a par de soluções do gótico rural. É, pois, na apreciação dos seus dois portais, no arco-cruzeiro e nos seus cachorros que se veem bem as grandes resistências românicas.

A igreja de São Miguel de Eja, ou de Entre-os-Rios, foi declarada Monumento Nacional por decreto de 15 de outubro de 1927. Atualmente, a igreja integra a Rota do Românico do Vale do Sousa.

Texto: MLB/JL - Fotos: RR/MF/MS - Planos: GM/MF/MS (sobre RR/MM)

Bibliografia

AGUIAR, J.M., 1943, p. 59; ALMEIDA, C.A.F., 1968, pp. 178-179; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 93; ALMEIDA, C.A.F. e LOPES, F.G.A., 1981-82, pp. 131-140; BARROS, J., 2019, pp. 92-95 e 279-281; BOISSELLIER, S., 2012, p. 132; CENSUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, pp. 249-251 e 573; CEPB, 1935-60, IX, pp. 464-465 e 814-815; HISPANIA EPIGRAPHICA; LIMA, A.M.C., 1999, pp. 399-405; LTPSOUSA, doc. n.º 5 (de [ant. 1095], julho, 30), doc. n.º 123 (de 1120, janeiro, 5); MATTOSO, J., 2002a, p. 26; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 531-532; PMH, INQ., pp. 37, 117, 188, 236 (de 1220) e p. 414 (de 1258); PMH, INQ., 1288-91, p. 74; ROSAS, L.M.C., 2008, pp. 189-195; SANTOS, M.J.M.C.F., 2004, II, pp. 9-10 e 119; SIPA; SOTTOMAYOR-PIZARRO, J.A., 1996, pp. 219-233; SOTTOMAYOR-PIZARRO, J.A., 2014, p. 43; TOMÉ, M., 1998, II, pp. 89-91; VIAS ROMANAS.